

Os padres também casam

O amor desafia a tradição

Elisa Mattos

Os padres podem casar? O que era uma pergunta transformou-se em uma realidade. Os padres casados resolveram assumir sua verdadeira vida, mantida em segredo durante muito tempo, e querem que a Igreja Católica tome uma posição clara sobre o assunto, pois como sacerdotes que devem dar exemplos aos fiéis, não aceitam mais viver uma vida dupla.

“Ao lado do celibato oficial sempre houve uma vida sexual em subterfúgio. Resta à Igreja Católica admitir legalmente o que já é uma prática” — a opinião é do ex-seminarista capuchinho Francisco José Alves dos Santos, professor do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe e mestrando em Antropologia na Universidade de Brasília. Ele analisa a questão do celibato pela visão histórica, que foi imposta por razões puramente econômicas pela Igreja da Idade Média e que ainda nos dias de hoje é mantido por puro tradicionalismo desta mesma Igreja Católica.

O professor começa lembrando que um padre será sempre padre,

mesmo que abandone a batina. “Faz parte da ideologia da Igreja que o sacramento é um ato que perdurará para sempre, como o batismo e o casamento, por exemplo. A própria Igreja não pode negar que este homem seja um padre, mas ela pode negar-lhe a prática do sacerdócio”. Os motivos históricos que criaram esta situação nasceram com a institucionalização da Igreja, durante a Idade Média, que resolveu casar sacerdócio e celibato.

“A Igreja tornou-se uma instituição dominante e poderosa. O celibato foi a maneira encontrada para garantir os bens materiais e manter a herança para a própria Igreja ao invés de ir para a família”. Isto porque, segundo explica Francisco José, o padre secular (o que está diretamente ligado ao bispo da diocese) não faz voto de pobreza, apenas de castidade e obediência ao bispo, ao contrário de religiosos de ordens como Beneditina, Franciscana e Jesuíta que optam pelos três sacrifícios: pobreza, castidade e obediência.

O ex-seminarista acha que a Igreja resiste em manter o celibato por tradição, ainda mais tendo à frente João Paulo II, que considera

“linha dura”. Mas ele aponta ainda outro motivo. “ indo mais a fundo, analisando pelo lado psicológico, na minha opinião a Igreja não vê o sexo com bons olhos. Como pode alguém que está em contato direto com a divindade — o mediador entre Deus e o Homem — praticar o sexo? Este ser deveria ser puro e isento de desejos carniais”. Portanto, ele ressalta que é preciso distinguir a teoria da prática. “O padre deveria ser casto mas não é. Ainda mais nos dias de hoje, quando os apelos sexuais são muito grandes” — adverte.

Mas o estudioso enxerga uma saída para esta situação tão mascarada. “Está havendo um desprestígio do pensamento da Igreja. Não é como antigamente: “Roma falou, a causa acabou”. Já há uma socialização, com a formação de grupos de padres que desejam conciliar casamento e sacerdócio, que acabará por forçar mudanças no comportamento da Igreja Católica”. De acordo com a sua análise, “a imposição do celibato é a canonização da hipocrisia pois todo mundo sabe o número de padres vivendo amigado, seja em condições hetero ou homossexuais” — finaliza.